

Implicações da relação humano-animal no bem-estar dos animais de fazenda

Maria Camila Ceballos^{1,2} & Karen Camille Rocha Góis^{1,2}

¹Programa de Pós-graduação em Zootecnia, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, 14.884-900 Jaboticabal, SP, Brasil.

²Grupo de Estudos e Pesquisas em Etologia e Ecologia Animal (Grupo ETCO), Departamento de Zootecnia, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, 14.884-900 Jaboticabal, SP, Brasil.

APRESENTAÇÃO

Diferentes pesquisas têm documentado a importância do bem-estar animal nos sistemas de produção pecuária. Nesse artigo iremos trazer algumas reflexões sobre esse tema, com foco no conceito de bem-estar animal, em como a relação humano-animal ocorre nos sistemas de produção, qual o efeito direto dessa relação sobre o bem-estar dos animais de produção e dos trabalhadores, e por fim, qual a importância das condições de trabalho dos colaboradores (também conhecidos como vaqueiros no meio rural) para a promoção do bem-estar nas fazendas.

Nas últimas décadas tem acontecido um pronunciado aumento no interesse do público em geral com relação aos animais tanto em questões morais quanto científicas. No ano de 1964, Ruth Harrison, com seu livro *“Animal Machines”*, foi a primeira a chamar atenção da população com respeito à produção e intensificação animal, assinalando que aqueles que estavam relacionados com esta indústria tratavam os animais como máquinas inertes, ao invés de indivíduos vivos. Como consequência disso, o Parlamento Britânico estabeleceu o “Comitê de Brambell”, no ano de 1965, o qual enfatizou que para melhorar o bem-estar dos animais era necessário compreender a biologia e as necessidades dos mesmos. Esta proposta ficou registrada em um relatório onde foram apresentadas as primeiras diretrizes identificadas como condições mínimas que deviam ser asseguradas para que os animais de produção estivessem em boas condições, sendo elas: permitir

que os animais tivessem a possibilidade de virar-se, deitar-se, levantar-se, esticar seus membros e cuidar do seu próprio corpo. Esta proposta foi depois reformulada, em 1979, pelo Conselho para o Bem-estar dos Animais de Produção (*Farm Animal Welfare Council*) com a elaboração das conhecidas “cinco liberdades”, as quais propõem que o animal deve estar livre de fome e sede; livre de desconforto; livre de dor, injúria e doença; livre de medo e estresse; e livre para expressar seus comportamentos naturais. No entanto, o conceito de liberdade tem algumas dificuldades lógicas e científicas, sendo que, hoje em dia, este termo tem sido substituído pelo conceito de necessidade dos animais, o qual é chave para compreender o bem-estar animal. O bem-estar animal é um conceito científico que descreve uma qualidade potencialmente mensurável de um animal vivo em um momento determinado. Sua definição mais utilizada, no âmbito da pesquisa, foi criada por

Donald Broom em 1986, sendo ela o estado de um indivíduo em relação às suas tentativas de se ajustar ao ambiente.

Uma forma de entender melhor o bem-estar dos animais é estudando as suas necessidades, as quais estão divididas em diferentes domínios, sendo eles: *i)* nutrição, relacionado à privação de água, alimento e má-nutrição; *ii)* meio ambiente, relacionado aos desafios ambientais aos quais os animais estão submetidos; *iii)* saúde, relacionado às doenças, lesões e ao comprometimento funcional que estas podem acarretar; *iv)* comportamento, relacionados ao comportamento ou restrição interativa dos animais; e finalmente *v)* estado mental / experiência, relacionado à ansiedade, medo, dor, diestresse, sede, fome, aborrecimento, entre outros sentimentos que o animal possa experimentar quando mantido em cativeiro. Deste modo, os primeiros quatro domínios representam os elementos físicos do bem-estar animal e o quinto engloba o elemento mental, onde boas ou más experiências subjetivas do animal são expressas. Temos que ter em mente que um tipo de comprometimento em algum dos quatro primeiros domínios acarretará, conseqüentemente, no comprometimento do quinto domínio, em que estão incluídos os componentes de sofrimento.

O discurso sobre o bem-estar animal se materializa com a definição de princípios a serem seguidos de forma a oferecer boas condições de bem-estar aos animais de produção, atendendo às necessidades dos domínios anteriormente mencionados. Dentre eles, destacam-se os apresentados em 2012 pela Organização Mundial de Saúde Animal (em inglês, *World Organisation for Animal Health*, OIE), estabelecendo 10 princípios gerais para orientar o desenvolvimento de normas de bem-estar dos animais nos sistemas pecuários

de produção, como segue: 1) como a seleção genética afeta a saúde, o comportamento e o temperamento animal; 2) como o ambiente físico influencia na ocorrência de lesões e na transmissão de doenças e parasitas; 3) como o ambiente físico afeta o descanso, o movimento e a expressão de comportamentos naturais; 4) o agrupamento social de animais deve ser feito de forma a minimizar os comportamentos agonísticos e permitir as interações sociais positivas; 5) os efeitos da qualidade do ar, temperatura e umidade na saúde e no conforto dos animais; 6) garantir acesso ao alimento e à água, adequados às necessidades e adaptações dos animais, 7) prevenção e controle de doenças e parasitas com eutanásia humanitária, quando o tratamento não for viável ou a recuperação do animal for improvável; 8) prevenção e manejo da dor; 9) estabelecimento de interação humano-animal positiva; e 10) garantia de habilidade e conhecimento adequado aos trabalhadores rurais que lidam com animais. Ao longo dos anos, ao se avaliar diferentes fatores nos estudos sobre o bem-estar dos animais domésticos, tem-se percebido que as preocupações levantadas com mais frequência sobre este tema estão relacionadas com o confinamento e as rotinas dos procedimentos de manejo. Contudo, a relação dos animais com o trabalhador rural tem recebido relativamente pouca atenção do público em geral ou da indústria pecuária, apesar de estudos demonstrarem que o cuidado do manejador com o animal tem um grande impacto no bem-estar dos animais de produção. Por isto, os últimos dois princípios apresentados pela OIE têm muita importância na produção agropecuária, pois a preocupação em oferecer um melhor bem-estar animal está diretamente ligada com a melhoria no manejo de rotina das fazendas, visto que animais em condições confortáveis e expostos

a experiências positivas com relação aos humanos tendem a reduzir o medo e, conseqüentemente, facilitar o manejo.

Contextualizando a relação humano-animal com os domínios do bem-estar animal, poderíamos exemplificar com problemas de manejo na fazenda, caracterizados por um manejo ruim por parte dos trabalhadores rurais, relacionados a mais de um domínio – neste caso, manejos ruins afetariam o domínio três (desafios ambientais), que por sua vez iriam afetar diretamente o quarto domínio (comportamento dos animais) e este afetaria o quinto domínio (aumento de medo dos seres humanos). Tais relações, em muitas ocasiões, caracterizam um ciclo em que o medo dos animais com relação aos humanos promove comportamentos reativos, levando a reações negativas por parte dos manejadores que, por conseguinte, agravam a condição de medo dos animais, piorando a sua reatividade.

Para conseguir entender melhor a relação humano-animal, vamos abordar um pouco de história, explicar como tal relação acontece e o que a caracteriza. A relação entre humanos e animais vem se desenvolvendo desde o período Neolítico, e ao longo da história tem ocorrido o processo de domesticação com diferentes espécies animais. A domesticação é o processo no qual uma população de animais se torna adaptada ao homem e ao ambiente de cativeiro, por meio da combinação de mudanças genéticas ao longo das gerações e eventos de indução por fatores ambientais ocorridos ao longo de cada geração. Apesar das inúmeras gerações de reprodução seletiva por parte dos humanos, em que o cruzamento ocorria apenas com animais selecionados por características de interesse (prática realizada especialmente com animais de produção), alguns dos eventos mais

assustadores que muitos destes animais estão propensos a experimentar são a exposição ao ser humano e às mudanças bruscas no seu ambiente social e físico. Apesar dos limiares de medo dos animais terem sido reduzidos pela domesticação, as respostas de medo perante os humanos não foram eliminadas.

As interações humano-animal nos sistemas de produção estão relacionadas a todo e qualquer contato existente entre os manejadores e os animais e podem envolver diferentes aspectos, como percepção tátil, visual, olfativa e auditiva. Estas interações podem também ser classificadas de cinco formas, sendo elas: *i*) estacionária (com presença visual); *ii*) o manejador se movimenta entre os animais sem a ocorrência de contato tátil, mas pode haver interações vocais; *iii*) contato físico; *iv*) alimentação (ou recompensa) e; *v*) invasivo, com manejo aversivo. A interação entre humanos e animais também pode ser classificada, quanto à sua natureza, como positiva, neutra ou negativa, a partir da forma com que o manejador desenvolve suas tarefas de rotina na fazenda.

Os animais de produção podem reagir espontaneamente às características humanas, ou podem aprender a associar a presença e o comportamento de todos ou de alguns seres humanos com o tipo de manejo empregado. De forma geral, ações aversivas conduzem a respostas negativas como, por exemplo, o aumento do nível de medo dos animais em relação aos humanos. Os animais aprendem a evitar estímulos relacionados à situações potencialmente perigosas provenientes, principalmente, de eventos aversivos promovidos pelo manejador, e o medo desempenha um papel crucial neste processo de evitação. O aumento do medo nos animais não ocorre somente pelo fato da presença humana representar uma fonte de

ameaça para eles, mas também porque algumas das tarefas de rotina das fazendas e granjas podem ter caráter aversivo como, por exemplo, a contenção para a vacinação, administração de medicamentos e o transporte. Se estas atividades forem aliadas a ações claramente negativas, como elevação da voz, pancadas e utilização de choque na condução dos animais, podem fazer com que as experiências com interação direta entre animais de produção e humanos sejam, de um modo geral, agressivas.

É importante ter em mente o efeito negativo que este tipo de experiências pode trazer para os animais. Tem sido demonstrado que o medo dos animais perante os humanos influencia negativamente na performance produtiva, como, por exemplo, com menores taxas de prenhes e menor produção de leite ou maior retenção do mesmo em vacas leiteiras, e também na indústria suína, onde têm sido encontradas menores taxas de crescimento de leitões, também menores taxas de prenhes e, assim como em outras espécies, maiores níveis de cortisol, caracterizando situações de maior estresse (relacionado diretamente com níveis de medo perante o homem), e consequente empobrecimento do bem-estar.

Sabendo que algumas das tarefas de rotina que são consideradas aversivas nas granjas e fazendas (como vacinações, transporte, etc) não podem ser substituídas, é necessário realizá-las da melhor forma possível, sem pancadas, gritos ou sofrimento desnecessário para os animais. É importante compreender também que, na maioria dos casos, as opiniões, costumes e comportamentos ruins por parte dos trabalhadores nos sistemas de produção pecuária não são por crueldade intencional. A maioria dessas atitudes são intuitivamente consideradas inofensivas por essas pessoas, geralmente executadas pela falta

de conhecimento e, por causa disso, acontecendo frequentemente na produção animal.

O papel que o manejador responsável pelos animais tem no bem-estar e produtividade dos mesmos não tem recebido o devido reconhecimento. As pesquisas e desenvolvimentos na produção pecuária têm dado muita importância à inovação tecnológica, especialmente em áreas como alojamento, nutrição, genética e saúde, e a maioria dessas indústrias fazem programas de treinamento para supervisores e gerentes, esquecendo-se daqueles que trabalham diretamente com os animais. O que ocorre, geralmente, é que os manejadores são considerados funcionários de alta rotatividade e, por isso, não se investe na capacitação desses profissionais. Isso acarreta um ciclo problemático, no qual os funcionários que não são valorizados, sendo conseqüentemente desqualificados, não permanecem no emprego, o que justifica ao gerente e proprietários o não investimento em capacitação.

Existem três fatores que influenciam o desenvolvimento do trabalho das pessoas: a capacidade, a oportunidade e a boa vontade. A “capacidade” inclui variáveis como as habilidades, a saúde, e o conhecimento; a “oportunidade” inclui as condições de trabalho, os equipamentos e ferramentas disponíveis, as ações dos companheiros de trabalho e as políticas e regras organizacionais; já a “boa vontade” inclui a motivação, a satisfação e a atitude no trabalho. O desempenho no trabalho depende sobretudo de uma combinação de motivação, conhecimento técnico, habilidades e a oportunidade de desempenhar o trabalho. Uma baixa motivação vai limitar o desempenho no trabalho, independentemente das habilidades técnicas e do conhecimento do indivíduo. Sendo assim, alguma deficiência nestas importantes características

relacionadas com o trabalho do encarregado dos animais pode afetar o seu comportamento quando os maneja e, conseqüentemente, limitar o bem-estar de ambos. O impacto das características mencionadas anteriormente no desempenho geral do trabalho é óbvio, porém, o impacto que estas têm no comportamento do trabalhador rural, e o efeito deste no comportamento e desempenho dos animais, é menos óbvio e precisa ser objeto de maior atenção.

Estudos realizados com funcionários de sistemas de produção de bovinos leiteiros e de suínos demonstram o alto potencial que têm os treinamentos que envolvem técnicas comportamentais e cognitivas, desenhadas especificamente com o objetivo de melhorar as opiniões e pensamentos a respeito dos animais e, também, melhorar o comportamento dos trabalhadores perante os mesmos. Este tipo de intervenção melhora o manejo por parte dessas pessoas e, conseqüentemente, diminui o medo dos animais perante o homem. Esta diminuição é possível através de processos de aprendizagem por parte dos animais, já que animais manejados com calma e sem ações aversivas não associam a figura humana a algo negativo.

Sabe-se que a melhoria do manejo reflete-se em benefícios tanto para os animais quanto para os trabalhadores. A diminuição do medo dos animais perante o homem acarreta uma melhoria do bem-estar daqueles, além de aumento da sua produtividade. Por outro lado, a melhoria da relação humano-animal leva a um aumento na motivação dos trabalhadores e, conseqüente, a uma melhoria no desempenho do seu trabalho, além da diminuição da rotatividade dos colaboradores dentro da fazenda ou da granja. Por isso, programas de treinamentos direcionados especialmente a

mudanças de atitudes e comportamentos negativos perante os animais oferecem uma boa oportunidade para melhorar as interações humano-animal nas indústrias pecuárias.

Finalmente, além da preocupação com a capacitação dos funcionários que lidam diretamente com os animais, é necessário valorizar o serviço desempenhado por eles dentro do sistema de produção, já que é um trabalho árduo e que exige extrema responsabilidade e atenção. Quando este trabalho é realizado por pessoas que gostam de animais e, principalmente, quando há o apoio e a valorização dos gestores do empreendimento, o trabalho se torna satisfatório. É necessário entender que funcionários submetidos a situações precárias de trabalho e sem o devido direcionamento e capacitação não realizarão um serviço que atenda às necessidades dos animais, prezando pelo bem-estar dos mesmos. O bem-estar na propriedade deve ser o termo utilizado na produção animal, considerando todos os elementos da cadeia, pois antes de se pensar em promover condições de bem-estar animal deve-se dar atenção ao bem-estar do trabalhador. Questões como: *o funcionário que está trabalhando na minha propriedade tem uma moradia digna? O salário é adequado? Ele recebe hora extra? A minha propriedade oferece os equipamentos necessários para que este desenvolva seu serviço em segurança?* devem ser consideradas pelos gestores. Antes de cobrar desempenho dos funcionários vale a pena se perguntar sobre esses pontos. Caso haja falha em alguns deles, precisam ser levadas em consideração alternativas para melhorar as condições de trabalho e, assim, alcançar resultados satisfatórios nos sistemas de produção.

SUGESTÕES DE LEITURA

- BROOM, D.M. 2011. A history of animal welfare science. **Acta Biotheoretica** 59:121-137.
- HEMSWORTH, P.H. 2007. Ethical stockmanship. **Australian Veterinary Journal** 85:194-200.
- HEMSWORTH, P.H. & COLEMAN, G.J. 2011. **Human-livestock interactions: The stockperson and the productivity of intensively farmed animals**. 2nd Ed. CABI International, Wallingford, UK.
- HEMSWORTH, P. H.; COLEMAN, G. J.; BARNETT, J. L.; BORG, S.& DOWLING, S. 2002. The effects of cognitive behavioral intervention on the attitude and behavior of stockpersons and the behavior and productivity of commercial dairy cows. **Journal of Animal Science** 80: 68-78.
- HEMSWORTH, P.H. 2003. Human–animal interactions in livestock production. **Applied Animal Behaviour Science** 81: 185-98.
- WAIBLINGER, S.; BOIVIN, X.; PEDERSEN, V.; TOSI, M.V.; JANCZAK, A.M.; VISSER, E.K. & JONES, R.B. 2006. Assessing the human–animal relationship in farmed species: a critical review. **Applied Animal Behaviour Science** 101: 185-242.
- Zulkifli, I. 2013. Review of human-animal interactions and their impact on animal productivity and welfare. **Journal of Animal Science and Biotechnology** 4: 1-7.